

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA – UFPB

Centro de Ciências Sociais Aplicadas – CCSA

Curso de Administração – CADM

**CONCEPÇÕES DE SUSTENTABILIDADE DE ALUNOS DO CURSO DE
ADMINISTRAÇÃO NUMA INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR
PÚBLICA**

ANDRÉA ROBERTA DA SILVA FERREIRA

João Pessoa
Outubro, 2018

ANDRÉA ROBERTA DA SILVA FERREIRA

**CONCEPÇÕES DE SUSTENTABILIDADE DE ALUNOS DO CURSO DE
ADMINISTRAÇÃO NUMA INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR
PÚBLICA**

Trabalho de Curso apresentado como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de bacharel em Administração, pelo Centro de Ciências Sociais Aplicadas, da Universidade Federal da Paraíba / UFPB.

Professora Orientadora: Ana Lúcia de Araújo
Lima Coelho

João Pessoa
Outubro, 2018

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

F383c Ferreira, Andréa Roberta da Silva.

Concepções de Sustentabilidade de Alunos do Curso de Administração numa Instituição de Ensino Superior Pública / Andréa Roberta da Silva Ferreira. - João Pessoa, 2018.

37 f. : il.

Orientação: Ana Lúcia de Araújo Lima Coelho.
Monografia (Graduação) - UFPB/CCSA.

1. Concepção de sustentabilidade. 2. Educação para Sustentabilidade. 3. Educação em Administração. I. Coelho, Ana Lúcia de Araújo Lima. II. Título.

UFPB/CCSA

Folha de Aprovação

Trabalho apresentado à banca examinadora como requisito parcial para a Conclusão de Curso do Bacharelado em Administração

Aluna: Andréa Roberta da Silva Ferreira

Trabalho: Concepções de Sustentabilidade de Alunos do Curso de Administração numa Instituição de Ensino Superior Pública

Área da pesquisa: Gestão Pública, Ambiental e Social

Data de aprovação: 29/10/2018

Banca Examinadora

Prof.^a Dr.^a Ana Lúcia de Araújo Lima Coelho (Orientadora)
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Prof.^a M.^a Andréa de Fátima de Oliveira Rego (Membro Examinador)
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Mestranda Audrey Regina Leite E. Torres (Membro Examinador)
Universidade Federal da Paraíba (PGPCI/UFPB)

Dedico este trabalho à minha mãe, por seu imensurável amor e ao meu namorado, por todo apoio e confiança depositados em mim.

Agradecimentos

Agradeço primeiramente a Deus, sem a benção dele nada teria sido possível.

À minha mãe Maria do Socorro, a parte mais importante de mim, por me apoiar em todas as minhas decisões, muitas vezes abdicando de seus desejos para realizar os meus.

Ao meu pai Roberto Ferreira de Matos (*in memoriam*), por me encher de amor durante toda a sua vida.

Ao meu namorado, Petruccio Medeiros, presente de Deus, sempre me encorajando a lutar pelos meus sonhos.

À minha família e aos amigos/irmãos Vitor e Jecy, por toda a torcida.

Às minhas colegas de curso e amigas, Daniele, Jakelline e Luana, por compartilhar e suavizar o peso da caminhada nos dias difíceis dessa jornada.

À minha orientadora, professora Ana Lúcia, sempre tão disponível e dedicada, por toda ajuda e atenção na construção deste trabalho, minha sincera gratidão.

“Não sabendo que era impossível, ela foi lá e fez.”

(Jean Cocteau)

Concepções de Sustentabilidade de Alunos do Curso de Administração numa Instituição de Ensino Superior Pública

Andréa Roberta da Silva Ferreira

Resumo

Nas últimas décadas, o tema sustentabilidade tem se mostrado assíduo em discussões no meio acadêmico, suscitando novos debates acerca de questões relevantes referentes à temática. Na mesma proporção de sua disseminação, a Sustentabilidade, vem sendo conceituada de múltiplas formas, devido à falta de consenso sobre o termo, o que resulta numa indefinição de foco, já que o mesmo se transmuta conforme convém ao interesse da área de estudo. A aplicação desta pesquisa no curso de graduação em Administração dá-se considerando a importância da posição de forte influência que os administradores ocupam no mundo do trabalho, a partir de cada tomada de decisão, onde os mesmos atuam como interventores no tecido social, contribuindo para a mutabilidade e construção de uma consciência social sustentável. Diante deste contexto, o objetivo desta pesquisa é analisar as concepções de sustentabilidade de alunos do curso de Administração, ao longo de sua formação, numa instituição de ensino superior pública, a Universidade Federal da Paraíba – UFPB. Em termos metodológicos, este trabalho realizou uma pesquisa fenomenográfica, que está alinhada com o paradigma interpretativista e a pesquisa de tipo qualitativa, assim sendo, refere-se à descrição dos fenômenos, como estes aparentam ser para o indivíduo, segundo a sua experiência, como ele compreende e atribui significado. Portanto, o fenômeno estudado nesta pesquisa é a sustentabilidade e, o objeto de estudo, as concepções de sustentabilidade de estudantes do curso de Administração da UFPB ao longo do seu processo de formação. Neste estudo, foram mapeadas as concepções de sustentabilidade e analisada a variação destas junto aos alunos do curso, representando-as em cinco zonas ou áreas distintas, mas inter-relacionadas, indo desde a zona vermelha ou área de risco – representada por aquelas concepções de sustentabilidade de nível mais raso, onde os alunos não creditam a devida importância que o tema possui, ou mesmo não o compreendem – a zona azul ou área aberta – onde se identifica o nível mais profundo das concepções analisadas, logo, é denominada de área ou região aberta, pois o sujeito se encontra sem barreiras, disposto e aberto para a atuação em prol da sustentabilidade. Os resultados dessa pesquisa contribuem para a elucidação do quanto se está avançando na abordagem da Educação para Sustentabilidade na Universidade Federal da Paraíba, refletindo a necessidade de se evoluir nos estudos da temática e na forma interdisciplinar através da qual sua integração ao ensino em Administração demanda para que se possa formar administradores preparados para os novos desafios solicitados pelo mercado de trabalho, atuando de forma sustentável e contribuindo para construção de um mundo melhor.

Palavras-chave: Concepção de sustentabilidade. Educação para Sustentabilidade. Educação em Administração.

Abstract

In the last decades, the sustainability thematic has been shown assiduous in discussions in the academic environment, arousing new debates about relevant issues related to the topic. In the same proportion of its dissemination, sustainability has been conceptualized in multiple ways, due to the lack of consensus about the term, which results in a focus indefiniteness, since it transmutes itself according to the interest of the study area. The application of this research in the undergraduate course in Administration occurs considering the importance of the position

of strong influence that the administrators occupy in the world of work, from each decision making, where they act as interveners in the society, contributing to the mutability and construction of a sustainable social conscience. In this context, the objective of this research is to analyze the concepts of sustainability of students of the Administration course, during their graduating, in a public higher education institution, the Federal University of Paraíba - UFPB. In methodological terms, this work carried out a phenomenological research, which is aligned with the interpretative paradigm and the qualitative type of research, so it refers to the description of the phenomena, as they appear to be to the individual, according to their experience, as he understands and assigns meaning. Therefore, the phenomenon studied in this research is the sustainability and, the object of study, the conceptions of sustainability of students of the Administration course of the UFPB throughout their training process. In this study, the concepts of sustainability were mapped and the variation of these maps was analyzed with the students of the course, representing them in five zones or distinct areas, but interrelated, ranging from the red zone or risk area - represented by those conceptions of lower level, where students do not credit the importance that the subject has, or even do not understand it - the blue zone or open area - where the deeper level of the analyzed concepts is identified, so it's called open region, because the subject is without barriers, willing and open to acting in favor of sustainability. The results of this research contribute to the elucidation of how much progress is being made in the approach to Education for Sustainability at the Federal University of Paraíba, reflecting the need to evolve in the studies of the subject, and in the interdisciplinary way in which its integration to teaching in Administration demands that can forms administrators prepared for the new challenges demanded by the labor market, acting in a sustainable way and contributing to the construction of a better world.

Key words: Conception of sustainability, Education for Sustainability. Education in Business Administration

1 Introdução

Nas últimas décadas, o tema sustentabilidade tem se mostrado assíduo em discussões no meio acadêmico, suscitando novos debates acerca de questões relevantes referentes à temática (TILBURY, 2004; DEUSTSCH, BERÉNYI, 2016). Sinteticamente definida por Jacobi, Raufflet e Arruda (2011 p.23) como “capacidade de resistir, durar”, a sustentabilidade, na mesma proporção de sua disseminação, vem sendo conceituada de múltiplas formas, devido à falta de consenso sobre o termo, o que resulta numa indefinição de foco, já que o mesmo se transmuta conforme convém ao interesse da área de estudo (SARTORI; LATRÔNICO; CAMPOS, 2014). Todavia, em sua grande parte, as ponderações acerca da sustentabilidade se dão envolvendo as três instâncias mencionadas por Elkington (1997): social, econômica e ambiental. Esta última, devido a emergência da “sociedade de risco” (WAGNER; BOAS, 2017), tem sido atrelada ao tema mais frequentemente.

As benesses do desenvolvimento tecnológico, que remontam à Revolução Industrial, intensificadas pela lógica de consumo capitalista, com o apoio do setor de marketing, promovendo o obsolescência quase que instantâneo dos bens de consumo, reverberaram o descompromisso das empresas com a preservação ambiental, pois o objetivo principal – a obtenção de benefício econômico (lucro) – se sobrepôs aos demais (DIAS, 2015). Segundo o autor, a utilização predatória dos recursos naturais, cada vez mais intensa, têm acarretado mudanças climáticas bruscas, bem como a degradação desenfreada do meio ambiente, gerando consequências preocupantes para a população em esfera mundial. Esse cenário tem acionado o sinal de alerta para que a sociedade, juntamente com as instituições de proteção ambiental,

cobrem às organizações que se responsabilizem pelos impactos ambientais gerados por suas atividades, como também repensem suas práticas e modos de produção, buscando tecnologias que dêem suporte a métodos menos poluentes, e promovam um desenvolvimento mais sustentável.

Assim, segundo Sartori, Latrônico e Campos (2014), o conceito de Sustentabilidade tem se mesclado ou mesmo sido utilizado de forma intercambiável ao do Desenvolvimento Sustentável (DS), como sinônimos, contudo, não o são. A literatura referente aos temas por vezes designa este como processo para o alcance daquele, que seria o fim; como também o inverso. O presente trabalho comunga com a visão de Silva (2018), que baseado em Lankoski (2016), afirma que os termos são complementares:

quando o desenvolvimento é atrelado à sustentabilidade, que pode ser entendida como a busca por equilíbrio, harmonia e coexistência entre as necessidades humanas e as possibilidades e limitações do meio ambiente por período indefinido de tempo, ele se torna um desenvolvimento sustentável, deixando de considerar apenas o viés econômico, e passando a agregar as demais dimensões advindas do pensamento sustentável (SILVA, 2018, p30).

Nesse ritmo de mudança de comportamento social, a sociedade vem se tornando uma consumidora crítica, avaliadora do que está por detrás da fabricação de determinados produtos, e vindo a refletir sobre o compromisso socioambiental das empresas, fazendo com que estas passem buscar caminhar lado a lado com a cultura do desenvolvimento sustentável (SILVA; REIS; AMÂNCIO, 2014).

Diante deste cenário, segundo Jacobi (2005), os educadores passam a ocupar um papel estratégico e decisivo no processo de transformação social e educacional com relação à sustentabilidade, atuando como ferramentas potencializadoras do engajamento entre os diversos sistemas de conhecimento e a sua capacitação numa perspectiva interdisciplinar, inserindo a Educação para a Sustentabilidade (EpS) no cotidiano acadêmico, preparando os alunos para um posicionamento crítico frente à crise socioambiental – uma quebra no paradigma de que desenvolvimento e a sustentabilidade são antagônicos. É através da EpS que se constrói “agentes de mudança”.

Jacobi, Raufflet e Arruda (2011) apontam que nas últimas décadas, os currículos e programas de muitos cursos superiores têm incluído o tema da sustentabilidade, o que vai ao encontro com o que Springett (2014, p.9) enfatiza como necessidade: que “o setor de educação superior, enquanto espaço de conscientização e de crítica da sociedade, assuma o papel de liderança no discurso sobre negócios e sustentabilidade”. Nesse cenário, é de fundamental importância que os estudantes do curso de Administração tenham em sua formação, de maneira interdisciplinar, a Educação para Sustentabilidade, tendo em vista a posição de forte influência que os gestores organizacionais ocupam no tecido social (RAUFFLET, 2014). Diante do exposto, a questão chave, ou problema de pesquisa, que direciona este trabalho é: Quais as variações na concepção de sustentabilidade de alunos do curso de Administração, ao longo de sua formação, numa instituição de ensino superior pública?

O objetivo geral da pesquisa é analisar as concepções de sustentabilidade de alunos do curso de Administração, ao longo de sua formação, numa instituição de ensino superior pública. Em se tratando dos objetivos específicos, tem-se: (I) Contextualizar a instituição de ensino superior em relação à Educação para a Sustentabilidade; (II) Mapear as concepções de sustentabilidade de alunos ao longo do curso de Administração a partir das experiências por eles vivenciadas, especialmente no contexto de sua formação; (III) Analisar a variação das concepções de sustentabilidade dos alunos do curso de Administração, ao longo de sua formação, na instituição pública de ensino superior estudada.

Corroborando o entendimento da imprescindibilidade da implementação de um modelo de desenvolvimento sustentável e a importância da Educação para a Sustentabilidade como fonte de reflexão e incitação intelectual e prática nessa quebra de paradigma social, outros trabalhos relacionados ao tema têm sido produzidos na Universidade Federal da Paraíba, buscando conhecer o quanto estamos avançando no tange às concepções de sustentabilidade construídas na formação educacional, como: Farias (2016), que em sua dissertação de mestrado, analisou, através do método fenomenográfico, as variações na concepção de sustentabilidade dos estudantes do curso de Administração da UFPB ao longo da sua formação, onde observando-se a variação dessas concepções ano a ano, não foi possível identificar um aprofundamento que indicasse ser resultado do processo de formação desses estudantes; Lins (2017) identificou em seu trabalho de conclusão do curso, pelos métodos de levantamento documental e entrevistas com alunos e professores do curso, a presença de seis vínculos estabelecidos entre Educação para a Sustentabilidade e a Educação em Administração na UFPB, concluindo que a IeS preocupa-se de fato com a conscientização e futuros caminhos profissionais dos alunos; Santos (2017) em sua dissertação de mestrado, avança para além do cenário da UFPB, visando identificar, através do método fenomenográfico, quais as concepções de sustentabilidade de alunos do Ensino Fundamental II numa organização escolar, onde seu estudo revelou que a maior parte dos alunos que participou da pesquisa concebe a sustentabilidade relacionando-a ao seu contexto vivido local, de modo que percebe-se que, em sua maioria, as concepções dos alunos ainda são superficiais; ainda nesse contexto, Silva (2018) analisou em sua dissertação de mestrado como se dão as variações na concepção de sustentabilidade dos estudantes do ensino fundamental I de uma escola particular do Nordeste no seu processo de formação, tendo como resultados de seu estudo evidências para a aceitação de seu pressuposto – o nível das concepções de sustentabilidade amplia-se a medida que os alunos avançam no ensino fundamental I; e Lucena (2018) que, em seu trabalho do PIBIC (Programa Institucional de bolsas de iniciação científica), estudou e realizou o mapeamento das concepções de sustentabilidade dos estudantes do curso de Ciências Contábeis da UFPB. Esses estudos são reflexos do crescente reconhecimento da importância e do interesse acadêmico pelo tema da EpS, tanto em nível nacional como na esfera acadêmica internacional (TILBURY, 2004; REID, PETOCZ, TAYLOR, 2011; DEUSTSCH, BERÉNYI, 2016).

A aplicação desta pesquisa no curso de graduação em Administração dá-se considerando a importância da posição de forte influência que os administradores ocupam no mundo do trabalho, a partir de cada tomada de decisão, onde os mesmos atuam como interventores no tecido social, contribuindo para a mutabilidade e construção de uma consciência social sustentável (BRUNSTEIN; GODOY; SILVA, 2014). É sabido que os administradores, que em sua formação caminham lado a lado com a Educação para a Sustentabilidade, tornam-se capazes de atuar em seus processos decisórios de modo mais seguro e responsável nas organizações e nos cargos que ocupam, gerando benefícios para a sociedade como um todo e colaborando para a construção de um mundo melhor (JACOBI; RAUFFLET; ARRUDA, 2011).

O presente estudo se faz relevante para relacionar as metodologias de ensino apresentadas pelo curso de Administração da Universidade Federal da Paraíba e a Educação para a Sustentabilidade, o que contribui para a exposição dos entraves e desafios que precisam ser revertidos e enfrentados para nortear as organizações de como agirem para desenvolver o compromisso com a sustentabilidade.

Finalmente, considerando as particularidades que envolvem a UFPB – ambiente de estudo no qual esta pesquisa foi aplicada – quanto à sustentabilidade, pretende-se, como contribuição prática, ao analisar as variações das concepções de sustentabilidade dos estudantes do curso de Administração ao longo da sua formação, saber como este grupo específico refere-se à noção de sustentabilidade adquirida a partir de seu contexto particular, enquanto instituição de ensino superior pública, e, com isso, proporcionar aos educadores do referido curso, um

cenário que traga subsídios para a apreciação de um trabalho pedagógico que aproxime cada vez mais a Educação para Sustentabilidade e o Ensino da Administração.

O artigo está estruturado da seguinte forma: além desta introdução, na segunda seção são apresentados os principais conceitos que fundamentam o trabalho. Consequentemente, explicados os aspectos metodológicos para a realização da pesquisa, seguidos da apresentação e discussão dos resultados. E, ao final, são consideradas as implicações da pesquisa, suas limitações e ainda sugestões para futuras pesquisas.

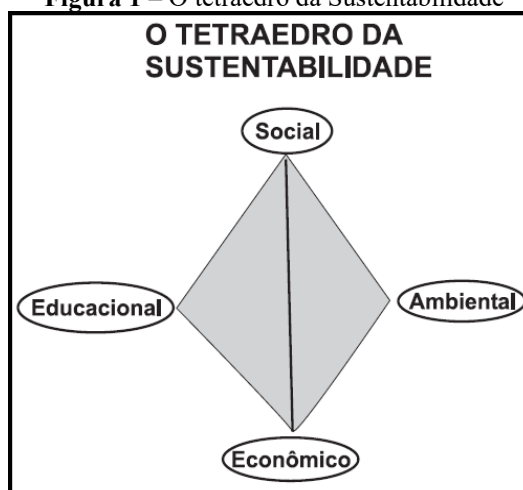
2 Sustentabilidade e a Educação para a Sustentabilidade (EpS)

Segundo Macedo, Freitas e Guerra (2014, p. 158), “a caminhada para uma sociedade mais justa, consciente e sustentável se inicia pela compreensão da sustentabilidade”, um expressivo desafio contemporâneo. Vista para alguns como algo utópico, tal qual o ideário da democracia e justiça, a Sustentabilidade demanda um esforço incessável para afirmar sua existência diante da visão hegemônica que permeia a maior parte sociedades, que numa perspectiva reduzida pautam suas decisões sob uma ótica unidimensional, considerando como alicerce o viés financeiro (BRUNSTEIN; GODOY; SILVA, 2014).

A princípio, o conceito de sustentabilidade vinculava-se enfaticamente à preservação ambiental (MELO NETO; BRENNAND, 2004), mas com o passar do tempo surgiram novos desdobramentos, considerando, então, os elementos das dimensões econômica e social. O sociólogo inglês Elkington (1997) deu origem em 1994 ao “*triple bottom line*”, ou, como é mais conhecido, “o tripé da sustentabilidade”, uma abordagem da sustentabilidade que parte de três dimensões básicas, a saber: ambiental, social e econômica, reconhecendo a indissociabilidade destas para que se conquiste a concretude de tal ideário. O autor ainda chama a atenção das organizações para a importância do valor social e ambiental, em paralelo ao tão focado econômico, para que assim seja possível alcançar o equilíbrio em seus processos decisórios, suscitando a mutabilidade dos hábitos dos diversos atores sociais, com vistas a possibilitar estabilidade e sustentação ao planeta como um todo.

Baroni (1992) corrobora que debater a sustentabilidade e repensá-la é fundamental frente à notória necessidade da implementação de um novo paradigma social econômico ou novo estilo de desenvolvimento, admitindo então a situação insustentável de nosso modelo atual. Através das três ou mais dimensões da sustentabilidade, os indivíduos, as organizações e a sociedade, configurando seu caráter coletivo, no processo de transformação cultural sustentável, devem considerar a interdisciplinaridade que a compõe primando pela harmonia ou conciliação entre as necessidades socioeconômicas e a natureza, visando uma relação que possa perdurar indefinidamente (SANTOS, 2017).

Partindo dessa pluralidade facetária que compõe a sustentabilidade, Lopes e Tenório (2006) foram para além das três dimensões básicas então reconhecidas, propondo a inclusão de uma quarta dimensão – a educacional –, o que ficou conhecido como tetraedro da sustentabilidade. Esses autores defendem que só por meio da educação é possível a formação de uma sociedade mais consciente, mediante a acessibilidade de informação, onde a construção do conhecimento sustentável se dá de maneira reflexiva, fazendo com que se repense os hábitos e costumes reforçados culturalmente por tanto tempo.

Figura 1 – O tetraedro da Sustentabilidade

Fonte: Lopes e Tenório (2006).

Alicerçada à esta ideia de que apenas por meio de uma consciência crítica a sociedade se torna capaz de metamorfosear-se em cidadãos verdadeiramente envolvidos com o compromisso sustentável podendo, então, mudar o atual cenário do mundo em que vivemos, surge a Educação para Sustentabilidade (EpS), uma abordagem alternativa que integra a Sustentabilidade para além das questões conceituais, promovendo a reflexão e estimulando o engajamento em ações, transformando conceitos em prática social.

A Educação para Sustentabilidade é um processo de aprendizagem transformadora, que impulsiona o indivíduo imerso na coletividade ao questionamento do seu modo de pensar e agir, internalizando valores e princípios que embasam uma perspectiva holística de desenvolvimento, sendo este comprometido com o meio socioambiental (LEAL FILHO et al., 2018). Isso corrobora com Griswold (2017, p. 1): “um elemento-chave na criação de uma sociedade sustentável é uma população de cidadãos equipados com uma sólida compreensão do conceito de sustentabilidade e a capacidade de imaginar soluções para problemas atuais e futuros”. Assim, pode-se salientar que a EpS não se trata apenas de mais uma dimensão, mas a base para todas, sem a qual não o processo de transformação do padrão de mentalidade “ecossocial” não é possível, bem como o desenvolvimento sustentável.

Em meio a amplitude do que abrange a EpS, é válido destacar que ela não é sinonímia da mais difundida Educação Ambiental, pois esta tem seu foco estreitamente ligado ao diz respeito a preservação ambiental, já a EpS a incorpora em seu escopo de forma integrada ao suprimento das atuais necessidades e desejos da sociedade, com vista ao que será demandado pelas gerações futuras:

Na terminologia europeia, EE (Environmental Education, Educação Ambiental) é um conceito bastante distinto de ESD (Education for Sustainable Development, Educação para o Desenvolvimento Sustentável). Ambos representariam correntes educacionais focadas na questão ambiental; mas com o diferencial de que a ESD estaria comprometida com o empoderamento dos educandos a fim de que estes se revelem protagonistas nas ações e tomada de decisões, ao passo que a EE representaria uma visão mais estreita e instrumental fundamentada estritamente na divulgação de conhecimentos científicos e tendo em vista a mudança de comportamentos (JACOBI et al., 2011, p. 5).

Contudo, no contexto brasileiro, as diversas legislações que tratam dos temas trazem as nomenclaturas de modo intercambiável, sendo a Educação Ambiental atribuída ao que concerne a EpS, não obstante, não se pode deixar de reconhecer que estamos avançando na tratativa da temática. Desde o final do século passado, um conjunto de políticas públicas vêm incluindo o

tema da sustentabilidade (ou “Educação Ambiental”) nos programas educacionais (CARVALHO; BRUNSTEIN; GODOY, 2014). O fato é há uma demanda urgente por profissionais (incluindo professores) capacitados e dispostos para efetivamente abordar o tema com as competências solicitadas, pois nesta abordagem não há o uso de um padrão predeterminado e prescrito, mas sim uma interdisciplinaridade que requisita estar em contato constante com a execução de ações, práticas, desenvolvendo a “competência reflexiva”, que se dá através da recriação contínua dos processos educacionais, moldando-os conforme surjam os desafios imprevisíveis resultante das interações dos aprendizes (MOCHIZUKI; FADEEVA, 2011).

Segundo Jacobi, Rauflet e Arruda (2011), durante a última década, muitos programas de graduação, pós-graduação e especialização têm ocupado uma posição de destaque nas discussões sobre a Educação para a Sustentabilidade. As instituições de ensino superior (IES) passaram a reconhecer que não estão apenas formando futuros profissionais, mas educando as futuras gerações para tomadores de decisão. Ghoshal (2005) critica a predominância do conhecimento teórico, mais semelhante ao científico, em detrimento da prática, e Jacobi e Beduschi Filho (2014) corroboram apontando a primordialidade da articulação de conhecimentos organizados e coerentes em espaços abertos ao diálogo e à crítica, para que assim favoreçam a hibridação e articulação de conhecimentos.

Tilbury (2004) afirma que nas áreas ligadas à gestão, as iniciativas para formação sustentável no ensino superior exigem mais do que a modificação dos currículos de ensino. Um dos desafios é a incorporação de práticas voltadas à sustentabilidade no âmbito da própria gestão dos *campi* universitários, desde o consumo de materiais a disposição de resíduos (JACOBI; BEDUSCHI FILHO, 2014). Os autores apresentam também como relevante desafio

desenvolver conhecimentos, habilidades, atitudes e técnicas que permitam fazer, em linhas gerais, da conservação dos recursos naturais um trunfo aos processos de desenvolvimento. Dito de forma bem direta, trata-se de construir novos referenciais para que os estudantes possam construir, de forma autônoma, seus próprios caminhos de aprendizagem, ampliando a possibilidade de navegar por vias até bem pouco tempo inexploradas (JACOBI; BEDUSCHI FILHO, 2014, p. 129).

Assim, conclui-se que, conforme Leal Filho et al. (2018) argumentam, a aprendizagem transformadora pautada na EpS requer o compromisso dos acadêmicos e do corpo docente, com seus esforços, motivação e ideias inovadoras, adaptando os métodos e efetuando mudanças de conteúdo, materializando-os em ações práticas. Vale ressaltar que do mesmo modo é imprescindível apoio institucional na IES, pois muitas vezes não há adequados incentivos para aqueles acadêmicos dispostos a integrar EpS em suas atividades (HUCKLE; STERLING, 2014).

3 Educação em Administração e Educação para Sustentabilidade

De acordo com Alcadipani e Bertero (2012), as escolas de Administração de Negócios surgiram durante a Guerra Fria, influenciadas pelo Fordismo, seguindo o modelo das escolas *management*, proeminentes na América do Norte. No Brasil, os primeiros cursos de graduação remetem ao ano de 1902, ministrados pela escola Álvaro Penteado, no Rio de Janeiro, e a Academia de Comércio, em São Paulo, contudo estes não eram regulamentados. A instituição piloto na importação do *management* no país foi a Fundação Getúlio Vargas, com a criação da Escola de Administração de Empresas, no ano de 1953, em São Paulo (OLIVEIRA; SAUERBRONN, 2007). Fischer (1984) e Ribeiro (2006) afirma que, na região Nordeste, a oferta do curso se iniciou através da Universidade Federal da Bahia, com ênfase na

Administração Pública, mas, com o passar das décadas, houve uma grande expansão dos cursos de graduação em Administração.

Na Paraíba, o ensino em Administração teve sua estreia no dia 23 de junho de 1963, com a criação do curso de Administração Pública, na UFPB. Inicialmente o curso seguiu a filosofia vigente à época: o compromisso de formar quadros de pessoal para a burocracia estatal, daí a ênfase no segmento público. Quanto ao currículo do referido curso, originalmente tomou-se como base o então adotado pela EBAP-FGV, todavia, em 1965, quando a Lei Federal nº 4.769 definiu os direitos, as prerrogativas e os deveres inerentes ao desempenho profissional do Administrador, o Conselho Federal de Educação estabeleceu o currículo mínimo para o Curso de Administração, resultando na fixação da estrutura do 1º Ciclo Geral de Estudos do curso de Administração da UFPB, em 1971, que declarava sua duração mínima e estrutura curricular (CCSA/UFPB, 2018).

Através da Resolução nº 12/73, foi criado o Centro de Ciências Sociais Aplicadas – CCSA, ao qual o Curso de Administração vinculou-se, bem como o Departamento de Administração e Contabilidade, que só em 1978 teve seu desmembramento, tornando-se departamentos independentes. É a Resolução nº 15/74 que finalmente estabelece a estrutura curricular exclusiva do Curso de Administração.

De 1974 até o presente ano, 2018, já houve três alterações curriculares (1995, 2007 e 2011) no Projeto Político Pedagógico do Curso de Administração (PPC), visando a atualização das metodologias e disciplinas, bem como a flexibilidade na formação, distribuída entre as atividades de ensino, pesquisa e extensão, o que condiz com o que Mello et al. (2011) afirmam, que os cursos de Administração vêm sofrendo alterações relevantes em suas matrizes curriculares com a inclusão conteúdos como gestão ambiental, empreendedorismo, Desenvolvimento sustentável e inovação tecnológica. Em 2016 iniciou-se uma nova reformulação, com previsão de fechamento e implementação a partir do ano de 2017.

Apesar das diversas iniciativas de integração da sustentabilidade ao currículo dos cursos de Administração, segundo Bécharde (2009), o progresso obtido foi limitado, o que Ghoshal (2005) já atribuída à ineficácia do engessamento de programas de cursos dominados por pressupostos limitados e voltados para o curto prazo, terreno onde a EpS não floresce. Uma opção para reversão de tal quadro seria reformular os currículos dos cursos, tendo a sustentabilidade como um pilar, mas, devido a abrangência multifacetada de seu conceito, os educadores poderiam ter dificuldades de selecionar os temas mais importantes para serem abordados no currículo de Administração (RAUFFLET, 2014).

Raufflet (2014) ainda identifica quatro formas pelas quais podem ocorrer integração da sustentabilidade ao ensino em Administração:

- 1- Integração por disciplina – a sustentabilidade é adicionada como uma dimensão do conhecimento, configurando-se numa disciplina;
- 2- Integração baseada na estratégia/competitividade – a integração tem como pressuposto a inserção do tema visando a vantagem competitiva das organizações;
- 3- Integração por aplicação – integração monodisciplinar onde ocorre a aplicação de ferramentas elaboradas, em sua origem, para negócios, passando a serem utilizadas num novo propósito alinhado com os aspectos social e ambiental da sustentabilidade;
- 4- Integração sistêmica – fundamentada para a empreitada multifacetada socio-ecológica-econômica que envolve a temática, sendo esta definida por meio de uma perspectiva interdisciplinar.

Ao passo que as três primeiras formas de integração são progressivas, esta última (quarta) é extrema, pois fundamenta-se na ideia inicial de que o mais importante não é o ensino em Administração, mas a dinâmica do contato societal com a biosfera em que as organizações atuam (RAUFFLET, 2014).

Jacobi e Beduschi Filho (2014) certificam que as experiências e práticas educativas e de pesquisa interdisciplinares relacionadas a inserção da EpS ainda são incipientes, pois os processos de conhecimento se dão através de cortes transversais na compreensão e explicação dos contextos de aprendizagem e de formação. De acordo com os autores

o estímulo é para interação e interdependência das disciplinas e, consequentemente, entre as pessoas, para o desenvolvimento de metodologias interativas. Aborda-se o estudo e o conhecimento do meio ambiente por meio de uma concepção integrada, interdisciplinar, identificando disponibilidades e avaliando consequências do uso dos recursos naturais, fontes energéticas, tecnologias e empreendimentos, na formação do conhecimento e nas práticas e estruturas socioculturais (JACOBI; BEDUSCHI FILHO, 2014. p.126.).

Assim, pode-se observar que para a consolidação do aprendizado acerca da EpS faz-se necessário uma metodologia que não limite a abordagem da temática apenas a disciplinas isoladas, mas sim que integre a EpS harmonicamente a todas as áreas do curso.

4 Procedimentos Metodológicos

O paradigma de pesquisa adotado para a realização deste estudo foi o interpretativista, cujo fim é compreender e reconstruir a realidade na mente do pesquisador, ou seja, para tal abordagem não existe uma verdade absoluta e imutável, mas sim uma realidade social concebida a partir da ótica do indivíduo, onde o conhecimento e a compreensão do mundo são elaborados através da interpretação do pesquisador (LOPES, 2012). Esta pesquisa é caracterizada como do tipo qualitativa. De acordo com Merriam (1998), o foco dos estudos qualitativos são a interpretação e significado; corroborando com o que Godoy (1995, p. 63) afirma: “os pesquisadores qualitativos tentam compreender os fenômenos que estão sendo estudados a partir da perspectiva dos participantes”.

O método central escolhido para o desenvolvimento deste trabalho foi a fenomenografia, que está alinhado com o paradigma interpretativista e a pesquisa de tipo qualitativa, garantindo assim, a coerência epistêmica/metodológica. Em sua etimologia, o termo fenomenografia é derivado de duas palavras gregas – *phainemenon* e *graphein* – que significam, respectivamente, “aparência” e “descrição” (FERNANDES, 2005). Assim sendo, refere-se à descrição dos fenômenos, como estes aparentam ser para o indivíduo, segundo a sua experiência, como ele compreende e atribui significado. Marton (1981) aponta que os indivíduos possuem formas distintas de vivenciar um evento, as quais são denominadas concepções. Nesse sentido, através do método fenomenográfico, uma especialização que é particularmente destinada a questões de relevância para a aprendizagem e a compreensão, especialmente em um ambiente educacional (MARTON; BOOTH, 1997), busca-se mapear a relação entre o indivíduo e sua experiência com determinado fenômeno, identificando e formulando um conjunto hierárquico de categorias de concepções qualitativamente diferentes, mas logicamente relacionadas (AMARO; BRUNSTEIN, 2014). O fenômeno estudado nesta pesquisa é a sustentabilidade e o objeto de estudo, as concepções de sustentabilidade de estudantes do curso de Administração da UFPB ao longo do seu processo de formação.

A UFPB abriga o mais antigo curso de graduação em Administração do Estado da Paraíba, criado em 1963 (SILVA, 2014). Segundo informações da Coordenação deste, atualmente existem cerca de 700 estudantes matriculados no curso de Administração, dispostos em período integral e noturno. Através da secretaria do Departamento do curso, foi fornecida a relação das salas, professores e turmas, objetivando o contato com os alunos para a realização das entrevistas.

Considerando o fato deste trabalho buscar mapear as variações na concepção de sustentabilidade desses estudantes ao longo do curso, procurou-se realizar um levantamento junto aos sujeitos de modo a obter uma distribuição amostral que contemple ambos os turnos do curso – diurno e noturno, sendo este composto por um período a mais que aquele, e todos os anos do curso: alunos do primeiro e segundo períodos, correspondentes ao primeiro ano do curso; do terceiro e quarto períodos, correspondentes ao segundo ano do curso; do quinto e sexto períodos, correspondentes ao terceiro ano do curso; e do sétimo e oitavo períodos, correspondentes ao quarto ano do curso, entre os quais se encaixaram também alunos no nono período, no caso do curso noturno.

Isto posto, foram realizados contatos presenciais com alunos, apresentando o projeto de pesquisa, sua finalidade e seus objetivos; os alunos foram convidados a participar de uma entrevista que poderia ser realizada em grupo (2 a 3 pessoas) ou individualmente, conforme as suas disponibilidades, imediata ou por agendamento. Os estudantes que se voluntariaram a participar da pesquisa, mas não dispunham de tempo para realização no momento do encontro, passaram seus contatos telefônicos para a pesquisadora, que criou grupos no WhatsApp – aplicativo para troca de mensagens –, sendo um para cada período e turno, com o intuito de facilitar o diálogo para o agendamento das entrevistas, visto que os horários precisavam ser conciliados. A coleta de dados iniciou-se no dia 23 de agosto de 2018 e se estendeu até o dia 13 de setembro do mesmo ano.

A operacionalização desta pesquisa se deu em 4 etapas, a saber: 1) pesquisas documental e bibliográfica; 2) entrevista semiestruturada em grupo ou individual; 3) mapeamento das concepções de sustentabilidade; e 4) análise da variação dessas concepções ao longo da formação dos estudantes.

As pesquisas documental e bibliográfica foram realizadas objetivando contextualizar a UFPB e suas especificidades em relação a sustentabilidade. Foram analisados os seguintes documentos institucionais, disponíveis no site da IES e junto à Coordenação e Departamento do Curso de Administração:

- Plano de Desenvolvimento Institucional – PDI;
- Projeto Pedagógico do Curso de Administração;
- Ementas das disciplinas ministradas no curso de administração.

Em um segundo momento, foram efetuadas entrevistas semiestruturadas com os(as) estudantes. O roteiro da entrevista (Apêndice A) concretizou-se conforme pressupõe a pesquisa fenomenográfica, constituindo de perguntas introdutórias, intermediárias e finais, além das perguntas de apoio, servindo de complemento para as perguntas principais (FARIAS, 2016). Em alguns momentos, fez-se necessária a realização de perguntas que não estavam no roteiro de entrevista previamente elaborado, mas se faziam relevantes para estimular um maior aprofundamento do raciocínio do(a) entrevistado(a) no momento da fala. A duração das entrevistas variou em 11 e 35 minutos.

Bowden (2005) afirma que a pesquisa fenomenográfica deve envolver um número de sujeitos que possa assegurar uma quantidade suficientemente variada de modos de ver, mas não tantas que dificulte o gerenciamento dos dados. O autor ressalta que, na prática, a maioria dos estudos fenomenográficos apresenta entre 20 e 30 sujeitos, podendo envolver de 6 a 10 grupos. No presente estudo, foram entrevistados um total de 29 alunos, contudo, visando manter a profundidade de conteúdo do discurso da amostra, 4 destes sujeitos foram retirados da amostra, devido a brevidade e pouca consistência de seus discursos e interferências no momento da entrevista, restando então 25 alunos – 13 homens e 12 mulheres –, por meio de 9 entrevistas grupais, que tiveram como critério de aglutinação o período/turno, sendo seis entrevistados do primeiro ano (três de cada turno), cinco do segundo (três da manhã e dois da noite), oito do terceiro (três da manhã e cinco da noite) e seis do quarto ano (três de cada turno). A idade desses

estudantes variou entre 18 e 46 anos, sete deles nunca tiveram nenhum tipo de experiência profissional, considerando, inclusive, estágio. Todas as entrevistas foram gravadas por meio do aplicativo “Audio Recorder”, através do aparelho celular. Para tanto, os entrevistados assinaram previamente um termo de consentimento livre e esclarecido (Apêndice B), autorizando a gravação e garantindo o sigilo dos dados pessoais, bem como o questionário (Apêndice C), que definiu o perfil dos entrevistados (Quadro 1).

Quadro 1 – Perfil dos sujeitos da pesquisa

Aluno*	Idade	Gênero	Período/ Turno	Participação em entrevistas anteriores	Experiência profissional (setor/atividade)
A1M1	20	M	2º/manhã	Sim/Individual	Não
A1M2	20	F	2º/manhã	Sim/Individual	Não
A1M3	21	F	2º/manhã	Sim/Individual	Não
A1N1	23	F	2º/noite	Não	Indústria
A1N2	21	M	2º/noite	Sim/Individual	Não
A1N3	19	F	2º/noite	Não	Não
A2M1	19	M	3º/manhã	Sim/Individual	Serviço
A2M2	19	F	3º/manhã	Sim/Individual	Não
A2M3	21	M	3º/manhã	Sim/Individual	Serviço
A2N1	35	M	4º/noite	Sim/Individual	Outra
A2N2	46	M	4º/noite	Não	Comércio
A3N1	18	F	5º/noite	Sim/Individual	Comércio
A3N2	28	M	5º/noite	Sim/Individual	Outra
A3M1	25	M	6º/manhã	Não	Outra
A3M2	22	F	6º/manhã	Sim/Individual	Serviço
A3M3	24	M	6º/manhã	Sim/Individual	Não
A3N3	30	M	6º/noite	Sim/Individual	Serviço/Comércio
A3N4	29	F	6º/noite	Sim/Individual	Serviço
A3N5	34	M	6º/noite	Não	Serviço
A4N1	20	M	7º/manhã	Sim/Individual	Comércio
A4N2	20	F	7º/manhã	Sim/Individual	Serviço
A4N3	20	F	7º/manhã	Sim/Individual	Serviço
A4N1	34	F	9º/noite	Sim/Individual	Comércio
A4N2	21	F	9º/noite	Não	Serviço
A4N3	26	M	9º/noite	Sim/Individual	Comércio

* AXM/NY, em que X é o ano que o estudante está cursando, M e N referem-se aos turnos Manhã ou Noite e Y é a numeração dada para o entrevistado dentro do seu respectivo ano.

Fonte: Elaboração própria (2018).

Após a realização das entrevistas, foi iniciado o processo de transcrição, um trabalho minucioso a fim de coletar cada detalhe do material, havendo assim, a revisão constante do áudio em casos de ruídos ou da baixa qualidade da gravação. Posteriormente, houve o processo de pré-análise das entrevistas, realizando a leitura de cada entrevista e anexando observações identificadas. A pré-análise serviu como base para a realização do mapeamento das concepções e, posteriormente, a análise definitiva.

Sobre a fase de análise na pesquisa fenomenográfica, Bowden (2005) enfatiza que seus controles envolvem: 1) o uso de nenhuma outra evidência exceto as transcrições das entrevistas; 2) o *bracketing* de relação própria do pesquisador com o fenômeno; 3) o uso de análise de grupo, a fim de garantir que os dois primeiros comandos sejam eficazes; e 4) a análise da relação estrutural entre as categorias de descrição a serem adiadas para depois que as categorias tenham sido finalizadas. Portanto, foi um processo intenso, que demandou bastante tempo e atenção, que careceu de um olhar criterioso ao analisar cada concepção e situá-la no mapeamento. Por fim, na quarta e última etapa, foram analisados os resultados da etapa anterior para o alcance do objetivo geral deste trabalho.

5 Apresentação e Discussão dos Resultados

5.1 Contextualização da instituição de ensino superior em relação à Educação para a Sustentabilidade

A Universidade Federal da Paraíba (UFPB), intitulada inicialmente de Universidade da Paraíba, teve sua criação em 1955, regulamentada pela Lei Estadual nº 1.366. Com origem advinda da junção de algumas escolas superiores, a instituição foi federalizada em 1960, sendo aprovada e promulgada através da Lei nº 3.835 (UFPB, 2014). Configurando-se como uma Autarquia que tem como tripé de suas atividades o exercício de Pesquisa, Ensino e Extensão, a mesma conta com uma estrutura *multicampi*, atuando nas cidades de João Pessoa (Campus I), Areia (Campus II), Bananeiras (Campus III) e Rio Tinto e Mamanguape (Campus IV). O presente estudo foi realizado no campus de João Pessoa.

O Campus I-UFPB tem uma localização peculiar, inserida na paisagem litorânea, possuindo fragmentos florestais, tanto em seu entorno quanto em seu interior, habitados por espécimes de Mata Atlântica, o que nos remete a questões intimamente ligadas à sustentabilidade (ALBUQUERQUE, 2012). Todavia, de acordo com Santos (2015), essa área, composta por parte urbana e parte vegetal, vem sofrendo consideráveis perdas em sua vegetação, assim, a instituição, envolvida neste importante bioma que ainda possui significativas exemplares espécies de fauna e flora, necessita de políticas de preservação pelos seus representantes.

Ao analisar o Plano de Desenvolvimento Institucional da UFPB 2014-2018, foi possível verificar que em seus objetivos estratégicos há menções referentes à sustentabilidade que podem ser constatados em sua Missão, “Geração e difusão do conhecimento que possa propiciar o desenvolvimento científico-tecnológico, socioambiental, econômico e cultural”, e em sua Visão:

Uma universidade comprometida com a excelência acadêmica e com formas gerenciais e organizacionais avançadas e eficazes que possam promover a sua liderança no processo de desenvolvimento científico-tecnológico, socioambiental, econômico e cultural (UFPB, 2014, p.14).

Em conformidade, observou-se que os Valores da UFPB contemplam três dimensões da Sustentabilidade: “Respeito e compromisso com o bem público, ética, transparência, respeito à diversidade, valorização do ser humano, **sustentabilidade ambiental, econômica e social** (grifo nosso)”. Esse compromisso pode ser visto ainda no tópico “Responsabilidade socioambiental da instituição”, também presente no PDI 2014-2018, onde em seu *caput* considera-se um grande desafio para o quinquênio no qual o documento tem sua validação, constituindo-se na “busca por ferramentas que viabilizem que o conhecimento produzido na UFPB esteja voltado, também, para solução de problemas sociais e ambientais” (UFPB, 2014, p. 42).

Visando atender tais questões ambientais, em fevereiro de 2013, foi criada a Comissão de Gestão Ambiental (CGA – UFPB), composta por professores, alunos bolsistas e voluntários, além de um servidor técnico administrativo também da Instituição. Responsável pela formulação, execução e acompanhamento das políticas ambientais, que tem como objetivo “auxiliar a Reitoria no diagnóstico e formulação de estratégias de enfrentamento do passivo ambiental da Instituição, mediante a elaboração de programas de gestão ambiental”, desde sua criação, a CGA-UFPB vem desenvolvendo um conjunto de programas e ações na instituição, dentre os quais pode-se destacar: Programa Papa-Lâmpadas, um descontaminador de lâmpadas que promove a correta destinação destes resíduos; Programa Coleta Seletiva, com a segregação

dos resíduos e destinação dos recicláveis à uma cooperativa de catadores, diminuindo a disposição em aterro ao tempo em que gera renda para as famílias de cooperados; Programa de corredores ecológicos artificiais, com a confecção e instalação de pontes de corda para facilitar a mobilidade de animais arbóreos; Programa Trote Verde, visando a conscientização de alunos calouros por meio do plantio de muda de espécies nativas, promovendo a revegetação da mata, promover benefícios para a Instituição e para a sociedade em geral.

Ao associar tais ações com o Curso de Administração, verificou-se que o trote verde foi citado entre os entrevistados como uma das práticas percebidas no Campus I da UFPB, vinculada ao programa de Educação Ambiental, observado no trecho a seguir:

A1N3 – e agora eu me lembrei que tem trote verde aqui, né?! Eu até ia, só que eu nem fui, aí não posso dizer que participei de nada aqui. Mas, eu acho que é muito importante atitudes como essa, de trote verde, até pra pessoa levar as mudinhas pra casa e não só plantar aqui (*sic*).

O PDI 2014-2018 ainda destaca, no que tange aos problemas sociais, a realização de ações que reforcem o compromisso socioambiental da Instituição, do ponto de vista da formação acadêmica, pregando a igualdade de oportunidade para a conclusão de cursos de todos, com o objetivo de reduzir as assimetrias advindas dos programas de inclusão e de ações afirmativas do Governo Federal, promovendo então: formação continuada de professores da rede pública de ensino; projetos de pesquisa voltados para buscar soluções para os problemas e entraves ao desenvolvimento local e melhoria da qualidade de vida da população; projetos de extensão voltados para segmentos sociais historicamente relegados; ações educativas e preventivas, de organização social e difusão de direitos, para grupos de baixa renda; ampliação do monitoramento da coleta seletiva de resíduos; criação da política de tratamento dos diferentes tipos de resíduos; monitoramento da qualidade da água e do consumo de energia.

Em relação ao Curso de Administração da UFPB, trata-se do mais antigo curso de graduação em Administração do Estado da Paraíba, criado em 1963 (SILVA, 2014). O Projeto Pedagógico do Curso (PPC) teve sua reformulação com base no antigo plano de 2007, regulamentado pela Resolução nº57/2007 do Conselho Superior de Ensino, Pesquisa e Extensão (CONSEPE). Portanto, o curso atualmente está regido pelo PPC de 2011, promulgado pela Resolução nº64/2011. Observando um dos objetivos do curso, descritos no primeiro tópico da resolução de 2007 – “Melhorar continuamente a qualidade na formação do administrador como cidadão e profissional, a fim de que possa contribuir para elevar as condições de vida em sociedade, inclusive local e regional” –, é possível em paralelo com os objetivos da EPS, salientar a importância da hibridação desta com a Educação em Administração, para que tal objetivo seja alcançado.

No que concerne a presença da sustentabilidade em disciplinas do curso de Administração da UFPB, a mesma é mencionada formalmente como disciplina obrigatória uma única vez, na ementa da disciplina Responsabilidade Social Empresarial, que devido a um erro de nomenclatura corresponde à denominada Responsabilidade Social Ambiental, que possui 02 créditos/30hs e está contida na Resolução nº 64/2011:

Ementa: Teoria dos *Stakeholders*; Responsabilidade socioambiental numa perspectiva estratégica; Modelos conceituais sobre responsabilidade socioambiental; A responsabilidade socioambiental nas diferentes áreas organizacionais. Certificações ambientais. Sustentabilidade (UFPB, 2011).

Para além desta disciplina, tem-se a disciplina optativa Gestão Ambiental, 04 créditos/60hs, que está sendo ofertada desde 2016, cuja ementa fornecida pelo Departamento do curso apresenta-se:

Ementa: Visão estratégica de sustentabilidade na gestão das organizações; Responsabilidade Socioambiental; Abordagens e *multistakeholders* de uma organização; Requisitos Legais e Normas Ambientais; Avaliação de Impactos Ambientais; Indicadores de Desempenho Ambiental.

Existem disciplinas que, em concordância com os discursos obtidos nas entrevistas com os alunos do curso de Administração, abordam a sustentabilidade de forma indireta. Elas serão destacadas no tópico a seguir.

5.2 Mapeamento e variação das concepções de sustentabilidade de alunos ao longo do curso de Administração na UFPB

Visando o alcance do segundo objetivo específico da pesquisa – Mapear as concepções de sustentabilidade de alunos ao longo do curso de Administração a partir das experiências por eles vivenciadas, especialmente no contexto de sua formação –, foi proposta a representação de tais concepções relacionando-as a zonas, com o intuito de elucidar as variações de concepções encontradas no estudo. A definição da palavra zona, segundo o Dicionário da Língua Portuguesa, se refere a uma “região ou área caracterizada por qualquer peculiaridade que a distingue da parte adjacente”. As características de cada zona foram estabelecidas pelas cores Primárias (Vermelho, Amarelo e Azul) e Secundárias (Laranja e Verde), como pode ser identificadas na figura 1:

Figura 2 – Mapeamento e variação das concepções de sustentabilidade de alunos do Curso de Administração/UFPB



Legenda: AXM/NY, em que X é o ano que o estudante está cursando, M e N referem-se aos turnos Manhã ou Noite e Y é a numeração dada para o entrevistado dentro do seu respectivo ano.

Fonte: Elaboração a partir de Lucena (2018).

Desta forma, observou-se que as zonas ou áreas das concepções de sustentabilidade dos alunos transitam da concepção mais rasa representada pela zona ou área de risco (vermelho) para a concepção mais profunda representada pela zona ou área aberta (azul). Há uma concentração maior de alunos na zona de alerta e na zona de transição verde. Assim, em

concordância com o que se espera de um estudo fenomenográfico (REID; PETOCZ; TAYLOR, 2011), temos um conjunto hierárquico de categorias qualitativamente diferentes, mas logicamente relacionadas, as concepções, conforme representado na Figura 2:

Figura 3 – Concepções de sustentabilidade de alunos do Curso de Administração/UFPB



Fonte: Elaboração a partir de Lucena (2018).

Na sequência, o detalhamento de cada uma das zonas representadas no mapeamento é descrito, como também as respectivas características dos entrevistados, que apresentam tais concepções de sustentabilidade.

ZONA OU ÁREA DE RISCO (VERMELHA)

A área de Risco, ou Zona Vermelha, é representada por aquelas concepções de sustentabilidade de nível mais raso, onde os alunos não creditam a devida importância que o tema possui, ou mesmo não o compreendem.

Dentre as concepções dos entrevistados que compõem esta área, encontram-se alunos que relataram a inexistência de algum contato com a sustentabilidade em suas trajetórias estudantis antes da graduação, ilustrado no trecho a seguir:

Entrevistadora – Para iniciar e contextualizar a conversa, você(s) poderia(m) falar sobre a(s) sua(s) experiências relacionadas a sustentabilidade, na(s) sua(s) trajetória(s) estudantil(is) antes da graduação?

A1M1 – Não, não tive não. Nenhum momento no ensino médio; eu acho que o ensino médio no geral no Brasil, eu acho que não tem esse contato com sustentabilidade porque...eu não vejo foco em tipo preparar realmente a gente pra o ensino superior. No ensino médio o foco é praticamente o básico. A gente só aprende mesmo matemática. Mas, essas coisas de sustentabilidade, essa **parte econômica**, algo que você provavelmente irá precisar no dia-a-dia, a gente não costuma aprender não (*sic*).

A1M2 – Eu também não tive. Porque... como eu não participava das feiras de ciências... eu não participava de porcaria nenhuma (risos).

Outra característica deste nível se refere ao fato do(a) entrevistado(a) não observar nenhuma ação de sustentabilidade na universidade, como pode ser visto no trecho:

Entrevistadora – Durante a trajetória no curso de Administração você(s) já vivenciou(aram) alguma experiência relacionada a sustentabilidade?

A1M3 – Não. Até agora não.

A1M1 – Não. Nenhuma vez.

Portanto, revela um desconhecimento, mesmo das ações de coleta seletiva, no cotidiano da Instituição, como pode ser observado nas caixas coletoras de lixo no Centro de Ciências Sociais Aplicadas onde o curso de Administração está localizado.

Também foi possível verificar que os sujeitos não conseguem avaliar a sustentabilidade como algo importante em seus cotidianos enquanto futuros administradores, sendo então necessária sua abordagem no curso, onde os mesmos dizem ainda não terem entrado em contato:

Entrevistadora – Como você(s) enxerga(m) a abordagem do tema sustentabilidade no curso de Administração?

A1M1 – Não sei, porque a gente ainda não teve.

A1M2 – A gente não teve esse primeiro contato ainda, né?! A gente tá, assim, no início do curso. Teve só o básico mesmo até agora (*sic*).

A1M3 – Não. Assim... não tem como a gente saber, ter uma opinião formada a respeito desse assunto, porque, como a gente falou, não tivemos nenhum contato.

Entrevistadora – Você(s) acha(m) que atende as expectativas e as necessidades dos alunos em aprenderem sobre o tema?

A1M2 – De sustentabilidade, não. Só, como disse, o básico mesmo do que é administração. Mas, até agora, sobre esse assunto, não.

A1M1 – É justamente isso, né?! O foco teoricamente por enquanto tá sendo só o básico do curso de administração. O foco de sustentabilidade, sobre como administrar essas coisas, a gente ainda não aprendeu não. (*sic*).

Os alunos não se recordam de terem experienciado a menção do tema sustentabilidade, mesmo que brevemente, em nenhuma disciplina:

Entrevistadora – Quais disciplinas você(s) recorda(m) que abordou(aram) o tema da sustentabilidade pelo menos em algum momento?

A1M1 – Até agora, nenhuma.

A1M2 – Em nenhum momento mesmo.

A1M3 – Nenhuma.

Entrevistadora – Nem de forma rápida dentro de algum assunto, num comentário?

A1M1, A1M2 e A1M3 – Não.

Os entrevistados situados nesta região possuem um ínfimo conhecimento e relação com as práticas sustentáveis, pois pouco afeta a rotina deles ao ponto de se importarem com o tema, não relacionando-a ao papel do profissional de administração, como pode ser visto no trecho:

Entrevistadora – Em relação ao(s) seu(s) futuro(s) profissional(ais), que papel você(s) atribui a sustentabilidade?

A1M2 – eu não faço ideia de como aplicar isso em administração.

A1M1 – eu também não sei não, mas acho que...levando o nome Sustentabilidade, dependendo do que se aprende com essa matéria, eu posso até aplicar ela na minha vida pessoal, em casa mesmo, se sustentar, gastos, essas coisas. Acredito que seja dessa forma.”

Os alunos desta área não conseguem associar alguma prática sustentável ao seu cotidiano, não compreendendo bem do que se trata. E mesmo após o decorrer do processo reflexivo da entrevista, onde foi mencionado o termo “meio ambiente” em uma das perguntas (pergunta de número 7), chegando a pergunta final do roteiro, um sujeito continua concebendo a sustentabilidade de forma errônea, associando o fenômeno ao ato de sustentar financeiramente, e outro do mesmo grupo tem uma concepção muito limitada, representando esta zona (vermelha) como onde se concentra o nível mais raso em relação às perspectivas sustentáveis:

Entrevistadora – De forma resumida, gostaria que você(s) definisse(m) sustentabilidade, após refletir(em) ao que foi respondido.

A1M1 – Eu acho que é como a própria palavra fala, né?! Vai demonstrar a você algo sustentável, **como você vai se sustentar no dia-a-dia**, ou fazer com que a sua organização pra ela se sustentabilizar (**gesto de dinheiro**) (*sic*).

A1M2 – Eu acho que é algo relacionado a meio ambiente, sobre reciclagem, coisas do tipo, poluição.

Esta área evidencia, portanto, estudantes com concepções inconsistentes sobre a sustentabilidade e seu papel na formação do profissional administrador. Logo, não possuem abertura para a prática sustentável, configurando assim, uma visão mais individualista.

Vale salientar que os alunos presentes neste grupo apresentaram a mais rasa das concepções, logo, pode-se considerar o fato de os entrevistados não terem dado a devida importância no momento da entrevista, podendo assim, ter influenciado nas respostas.

ZONA OU ÁREA DE TRANSIÇÃO (LARANJA)

A área de Transição ou Zona Laranja é representada, assim, como a cor secundária pela combinação das características da zona vermelha (risco) e a zona amarela (alerta). Os sujeitos situados nesta região apresentam um certo avanço no que tange a elaboração de suas concepções de sustentabilidade, em comparação aos da zona vermelha, contudo, ainda se encontram num nível superficial de conhecimento e envolvimento com o tema.

Diferentemente dos alocados na zona vermelha, os alunos desta área já possuem algum contato com atividades que envolvem a sustentabilidade, mesmo não ligando-o diretamente ao tema, como exemplificado nos trechos a seguir:

Entrevistadora – Para iniciar e contextualizar a conversa, você(s) poderia(m) falar sobre a(s) sua(s) experiências relacionadas a sustentabilidade, na(s) sua(s) trajetória(s) estudantil(is) antes da graduação?

A3N2 – No meu caso, eu nunca tive experiências mesmo com Sustentabilidade, geralmente eram coisas do tipo “vamos preservar a natureza”, nada que levasse o nome exatamente de sustentabilidade, eram só exemplos de situações, tipo jogar o lixo no lixo, reciclagem, mas nada que falasse mesmo de Sustentabilidade. Eu comecei a tratar mais quando eu comecei a trabalhar nesses projetos tipo Mais Educação, onde eu lidava com outros professores eu trabalhavam com isso, com horta, aí eles tratavam mais sobre isso (*sic*).

Foi possível observar em sujeitos desse grupo a presença de dificuldades de relacionar a abordagem do tema com o processo de formação do administrador, de modo que o tema é visto como mais pertinente a outras áreas ligadas a natureza, como, por exemplo, o curso de Ciências Biológicas:

Entrevistadora – Como você(s) enxerga(m) a abordagem do tema sustentabilidade no curso de Administração?

A3N2 – Que eu tenha algum pensamento sobre isso, não. Sustentabilidade pra mim é mais ligado com a natureza, com Ciência, com Biologia. Administração, eu sei que existe uma cadeira que fala sobre isso, mas nunca tive contato não (*sic*).

A não percepção de ações sustentáveis dentro do próprio Campus da UFPB, ainda continua presente entre os sujeitos desta área de transição:

Entrevistadora – Durante a trajetória no curso de Administração você(s) já vivenciou(aram) alguma experiência relacionada a sustentabilidade?

A2N1 – Aqui no curso não.

No que tange ao emprego de ações de conscientização sobre sustentabilidade, verificou-se que os indivíduos posicionados nesta área não possuem a iniciativa de compartilhar informações acerca do tema, nem mesmo com as pessoas mais próximas de seu cotidiano, limitando-se a poucas ações individuais:

Entrevistadora – O que você(s) faz com as informações e conhecimentos adquiridos, através do curso de Administração sobre sustentabilidade? Você(s) repassa para outras pessoas, como amigos, familiares e colegas de trabalho?

A3N2 – Eu não vou dizer que me preocupo quanto a isso, mas geralmente o que eu aprendo com relação a sustentabilidade eu lido muito bem, eu sou consciente, mas devido ao dia-a-dia eu não chego a repassar verbalmente não, é mais com alguns atos que se eu puder evitar eu evito, como jogar lixo no chão.

Através das respostas à pergunta de fechamento da entrevista, constatou-se os alunos desta área de transição, ainda possuem concepções limitadas sobre sustentabilidade, onde em meio a um conceito mais amplo, os mesmos se fixam a questão na minimização dos gastos, como pode ser visto no trecho a seguir:

Entrevistadora – De forma resumida, gostaria que você(s) definisse(m) sustentabilidade, após refletir(em) ao que foi respondido.

A3N2 – Eu acho que é o uso consciente de tudo que a gente tem de forma a gente sempre ter e minimizar o gasto, mesmo que seja algo que se estrague fácil, mas a gente conseguir manter o suficiente pra gente ter por um bom tempo. Acho que isso é sustentar em si, né?! Conseguir manter o máximo possível e desgaste mínimo.

Percebe-se que há um desconhecimento acerca da prática sustentável no cotidiano do administrador, e como isto pode gerar benefícios futuros para os envolvidos nas relações existentes como profissional da área. Desta forma, os alunos situados nesta área laranja ainda possuem pouco contato com o tema, apesar de alguns enxergarem benefícios econômicos.

ZONA OU ÁREA DE ALERTA (AMARELA)

A Zona de Alerta (Amarela) simboliza o grupo de sujeitos que exercem ações sustentáveis numa dimensão moderada, mais individual, onde há uma estreita preocupação com a disseminação de práticas sustentáveis. Denomina-se de Zona de Alerta, pois, apesar do progresso em relação às Zonas de Risco (Vermelha) e Zona de Transição (Laranja), ainda requer cautela para que não haja uma regressão em relação à concepção desses indivíduos sobre a sustentabilidade.

Assim, através das colocações dos alunos desta área, notou-se a frequência de uma certa preocupação, em portar-se de maneira mais sustentável no dia-a-dia, evitando práticas nocivas ao meio ambiente, conforme ressaltado no trecho a seguir, onde são relatadas modestas mudanças de hábitos nesses sujeitos:

Entrevistadora – Você(s) já mudou(aram) algum hábito em relação ao meio ambiente por causa de alguma informação ou conhecimento passado pelo curso de Administração? Se sim, qual(is)?

A1N3 – Não, vindo do curso não. Mas, eu parei de usar canudo, mas não veio do curso não.

A1N2 – Do curso não, mas, dos meus hábitos...é aquela questão, antes eu jogava um saquinho de pipoca em qualquer lugar, mas, hoje em dia, eu guardo na mochila, no bolso, porque eu sei que vai gerar danos pra natureza.

A1N3 – a minha bolsa já é cheia de lixo, de pastilha, de pipoca.

Outra característica observada entre os alunos desta zona, é a percepção dos reflexos que a preservação ambiental pode reproduzir nas relações de trabalho, ou seja, tratam-se de concepções mais elaboradas, que são fruto da realização de conexões entre as esferas ambiental e social que envolvem o tema da sustentabilidade:

Entrevistadora – De forma resumida, gostaria que você(s) definisse(m) sustentabilidade, após refletir(em) ao que foi respondido.

A1N3 – (...) ligando a administração, quando eu vejo na novela uma empresa que ela é sustentável, chega dá pra encher os olhos da pessoa, tipo um escritório, só que tem uma floresta atrás, só que é todo de vidro pra entrar a luz do sol. É tudo sustentável. Tem lugar de recreação; até aumenta a produtividade dos funcionários vendo aquele ambiente mais acolhedor, né?! E mais sustentável. Faz eles pensarem melhor pra tomar as atitudes tanto em casa também. É muito bom as empresas pensarem dessa forma (*sic*).

Verificou-se que, em alguns casos, quando instigados a expressarem a importância que conferem à abordagem do tema sustentabilidade no curso de Administração e na vida profissional do administrador, os alunos enfatizam vinculação à temática como fonte de vantagem competitiva para a organização, isto é, prevalece o caráter econômico, como relatados nos seguintes trechos:

Entrevistadora – Como você(s) enxerga(m) a abordagem do tema sustentabilidade no curso de Administração?

A2M3 – Dentro do curso a gente ainda não teve essa abordagem em nenhuma disciplina falando sobre isso. E eu acredito que com a grade cada vez não vá falando mais ainda, né?! Mas eu acho que seria muito importante, a gente como administrador ou possíveis empreendedores ter esse conhecimento pra **agregar valor para sua própria empresa através da sustentabilidade**.

Entrevistadora – O que você(s) faz com as informações e conhecimentos adquiridos, através do curso de Administração sobre sustentabilidade? Você(s) repassa para outras pessoas, como amigos, familiares e colegas de trabalho?

A1N2 – (...) porque a questão da luz mesmo, se você passar o dia todo a sua conta vem alta, aí você faz: não, eu vou deixar um tempo apagada. Mas, você faz isso porque é seu gasto mensal, e não pensando da forma correta.

Quando questionados se compartilhavam as informações e conhecimentos que possuíam sobre sustentabilidade, os entrevistados relataram não se sentirem preparados para tal ação, o que revela a falta de envolvimento e interesse pelo tema:

A2N1 – Aqui no momento como a gente ainda tá pagando, não adianta a gente pegar partes do que a professora fala e ficar falando por aí, porque se alguém tentar contra-argumentar com a gente a gente não vai ter nenhum tipo de embasamento. Mas, a partir de quando a gente tiver de fato esse conhecimento, aí sim, porque a gente tem mais é que replicar e não ser só depósito de informação. A gente tem que multiplicar.

Assim, foi possível constatar que as concepções de sustentabilidade de alunos inclusos nesta área, se encontram num nível intermediário, pois ainda se limitam a economia de recursos, diminuição de custos e envolvimento em ações sustentáveis individuais, de pouco alcance de conscientização.

ZONA OU ÁREA DE TRANSIÇÃO (VERDE)

A Zona de Transição (Verde) configura-se pela composição de alunos cujas concepções refletiram um considerável avanço em relação às áreas anteriores, sendo acompanhadas com a

realização de ações voluntárias voltadas a sustentabilidade. Esta zona expressa uma transição entre a Zona de Alerta (amarela) e a Zona Aberta (azul), logo, é representada pela cor secundária verde.

As concepções dos sujeitos da área verde são manifestadas em suas práticas sustentáveis, advindas de vivências e experiências relatadas, onde os mesmos demonstram envolvimento voluntário em ações sustentáveis, como expressa o trecho a seguir:

Entrevistadora – Para iniciar e contextualizar a conversa, você(s) poderia(m) falar sobre a(s) sua(s) experiências relacionadas a sustentabilidade, na(s) sua(s) trajetória(s) estudantil(is) antes da graduação?

A2M2 – Assim, acredito que a maioria das escolas, hoje, de ensino fundamental e médio, elas tentam trazer pra os alunos essa questão de sustentabilidade, pelo menos na escola onde eu estudava tinha vários projetos de sustentabilidade, inclusive acredito que ainda exista aqui o “Talento Científico Jovem”, aqui na universidade, que eu participe também umas três vezes e vários grupos lá da escola se juntavam pra abordar sobre temas sustentáveis, e aqui, inclusive quando a gente vinha pra cá, tinha as oficinas e eu também participei de temas sustentáveis - Temas que falavam sobre sustentabilidade. Projetos, inclusive um que eu participei no TCJ, que é o “Talento”, eu ganhei e aí eu tive que fazer por um ano, projetos, e a gente tava fazendo projetos de sustentabilidade. A gente pegou garrações de água e decorou tudo pra colocar pilhas dentro e depois a gente levar pra um local que descarta pilha. A gente criou um projeto também de plantar algumas coisas lá na escola, meio que pra incentivar essa questão da sustentabilidade, da importância. A gente apresentava trabalhos nas salas sobre alguns temas da sustentabilidade (*sic*).

A1N1 – Eu já tive esse contato na minha escola mesmo, na mostra cultural, feira de ciências, que a gente pegou mudas aqui na prefeitura de João Pessoa, e disponibilizava ao público pra poder plantar na própria casa deles mesmo.

(...) agora me lembrei de outra, quando fui jovem aprendiz, que o nome do projeto era “Sutentarte: o lixo que vira arte”, foi muito legal, foi bastante gratificante, e com isso a gente ia confeccionar coisas, a gente pegava coisas do meio ambiente, como garrafa pet, cds, e transformava em lembrancinhas ao público, e foi bastante legal porque a gente pegou *palets* pra formar móveis, a gente pegou também pneu pra decorar, então, assim, a experiência foi bastante gratificante (*sic*).

Outra característica observada se refere a relação que os entrevistados conferem ao tema da sustentabilidade e o campo de atuação profissional do administrador, onde pode ser verificada a elaboração de uma concepção de proporção mais extensa que engloba questões de âmbito social, econômico e ambiental, os três pilares da sustentabilidade. Desta forma, visualiza-se no trecho:

Entrevistadora – Em relação ao(s) seu(s) futuro(s) profissional(ais), que papel você(s) atribui a sustentabilidade?

A2M2 – Eu acho que o administrador que saiba sobre ecologia, sobre sustentabilidade, e que se a empresa não use, ele pode propor. Então eu vejo como, um administrador com esses recursos sobre sustentabilidade ser uma ponte entre o seu trabalho, no caso a empresa e a sustentabilidade. Ele tem que unir esses dois polos. Pelo menos que ele tente colocar nas pessoas que trabalham na empresa essa questão da Sustentabilidade, mesmo que ele não coloque na empresa placas de energia solar, por exemplo, porque são caras, mas que ele instigue o pensamento crítico das pessoas, dos funcionários acerca desse tema, e até consumidor mesmo, quem sabe, propor campanhas de conscientização, dependendo do ramo da empresa.

Entrevistadora – Na opinião de você(s), o que significa administrar de forma sustentável?

A2M2 – Uniria questões sociais, questões econômicas. Porque quando a gente vê temas sustentáveis, a gente sempre busca garantir o futuro, né?! Se a gente não preserva o meio ambiente, a gente tá deixando vulnerável as gerações futuras. E elas acabarão por sofrer o que a gente tá deixando como consequência. E aí na questão administrativa eu

acho que uniria essa questão econômica, essa questão ambiental, a social. Sustentável para as gerações futuras. Entendeu?! Suprir as necessidades do presente e garantir as do futuro. Mas garantir esse futuro atrelado ao que eu falei: aspectos econômicos, sociais, ambientais, culturais (*sic*).

Percebe-se que, entre os sujeitos desta área, há uma preocupação que envolve o comportamento coletivo sustentável e a qualidade de vida das gerações futuras, onde a preservação da natureza e a mudança de hábitos que afetam o aspecto ambiental, segundo os relatos, devem ser resguardados:

Entrevistadora – De forma resumida, gostaria que você(s) definisse(m) sustentabilidade, após refletir(em) ao que foi respondido.

A2M2 – É você tentar suprir as necessidades do presente, pensando no que será das gerações futuras, analisando os aspectos econômicos, culturais, sociais, e principalmente ambientais, né?! Tendo essa preocupação com a questão ambiental. Você tentar transformar, mudar seus hábitos, suas atitudes, voltada mais pra essa questão ecológica, que a gente precisa da natureza, então, fazer valer o que ela nos proporciona e não só se voltar pra ela com atitudes...enfim, não ecológicas vamos dizer assim (*sic*).

Portanto, percebe-se que na zona ou área de Transição (Verde) há um avanço nas concepções no que se refere a sustentabilidade praticadas no cotidiano e na formação do profissional de administração, como também na percepção da importância da temática como sendo relevante para a atuação do administrador.

ZONA OU ÁREA ABERTA (AZUL)

A Zona Aberta (Azul) é representada pelo nível mais profundo das concepções analisadas, logo, é denominada de área ou região aberta, pois o sujeito se encontra sem barreiras, disposto e aberto para a atuação em prol da sustentabilidade.

Os alunos pertencentes a essa zona apresentam uma evolução em suas concepções de sustentabilidade, com características relacionadas ao envolvimento das práticas sustentáveis em nível coletivo e não apenas individual, demonstrando preocupação em conscientizar e sensibilizar outrem acerca do compromisso com o tema no cotidiano, conforme representada no trecho a seguir:

A3M3 – No meu caso, parecido com o deles, na minha época de escola eu não tive um contato muito específico, muito direto com sustentabilidade. O maior contato que eu tive foi justamente quando eu entrei na universidade. Além das disciplinas que a gente tem no curso, participei de projetos de extensão que tem certo contato com o aspecto ambiental da sustentabilidade que é o projeto de conscientização de coleta e reciclagem de resíduos. Foi uma experiência muito boa, porque o contato que eu tive com o processo de reciclagem desses resíduos, o trabalho que é feito – a coleta e separação – foi algo bem esclarecedor. Coisas que eu não fazia ideia que poderiam ser feitas, que eu acabei até aplicando na minha vida pessoal.

No que se refere a capacidade de relacionar a importância de práticas sustentáveis com o cotidiano de um administrador, percebeu-se que os sujeitos desta área possuem uma amplitude de visão de alcance, onde a sustentabilidade permeia os três aspectos que envolvem seu conceito, conforme originado por Elkington (1997) em seu “*triple bottom line*”, abrangendo o social, ambiental e econômico, como expresso no trecho a seguir:

Entrevistadora – Em relação ao(s) seu(s) futuro(s) profissional(ais), que papel você(s) atribui a sustentabilidade?

A3M3 – É tudo uma questão de visão crítica. Uma pessoa que tenha noção do que é Sustentabilidade consegue trazer pro seu meio profissional uma tomada de decisão que vai ter impacto, que vai fazer com que a empresa **cause impacto na sociedade, no ambiente, na economia em geral**.

Entrevistadora – Na opinião de você(s), o que significa administrar de forma sustentável?

A3M3 – É utilizar desse conhecimento em prol de tomar a decisão mais adequada para empresa e pra sociedade, pois toda decisão tomada tem consequências e é função do administrador saber o reflexo dessa decisão.

Observa-se que o entrevistado se insere como agente de mudança no que se refere ao contexto da sustentabilidade, através de atitudes voluntárias da prática sustentável numa visão macro, pois o aluno se dispôs a conscientizar e a agir de forma atuante, refletindo uma preocupação pessoal de mudança no meio em que vive, como relatado no trecho a seguir:

Entrevistadora – Você(s) já mudou(aram) algum hábito em relação ao meio ambiente por causa de alguma informação ou conhecimento passado pelo curso de Administração? Se sim, qual(is)?

A3M3 – Eu já. Antes eu não tinha o costume de separar lixo. Na verdade, no meu prédio não havia esse estímulo. E com o auxílio do meu pai a gente acabou fazendo umas mudanças no prédio pra que fosse possível fazer a separação do lixo, orgânico e descartável, pra facilitar a coleta. Antes todo o lixo do meu prédio era recolhido e o caminhão levava. Mas, agora, após essa separação, o lixo orgânico é deixado pro caminhão recolher, e o lixo que é separado, reciclável, a gente solicita que venha alguém específico pra coletar, uma cooperativa (*sic*).

Portanto, pode-se constatar que há uma influência positiva do que é ministrado acerca da sustentabilidade e da importância de ações sustentáveis, no cotidiano dos alunos do curso de Administração da UFPB, resultando num comportamento multiplicador desse conhecimento, de modo que os alunos passam a disseminar socialmente as informações através de ações de conscientização e mobilização à prática da sustentabilidade:

Entrevistadora – O que você(s) faz com as informações e conhecimentos adquiridos, através do curso de Administração sobre sustentabilidade? Você(s) repassa para outras pessoas, como amigos, familiares e colegas de trabalho?

A3M3 – Como eu disse antes, por morar em prédio, só fazer a minha parte não seria suficiente, afinal todo o lixo que é coletado é em conjunto. Então primeiro eu tive que convencer a minha família a começar a separar, e ao separar e após isso eu tentei fazer com que os moradores do prédio fizessem o meus. E deu certo. Fora isso, com desconhecidos é muito mais difícil, mas fazendo a sua parte e estimulando as pessoas mais próximas, é possível, a mudança acontece.

Deste modo, averiguou-se que dentre todas as zonas anteriormente mencionadas e clarificadas neste estudo, mediante os discursos proferidos pelos sujeitos envolvidos nesta pesquisa, as concepções consideradas significativamente mais profundas, se encontram na Zona Azul ou Área Aberta, onde a compreensão da sustentabilidade se dá em caráter coletivo, com uma amplitude que envolve dimensões para além do aspecto ambiental.

6 Considerações Finais

Este trabalho buscou, com base em preceitos da Educação para Sustentabilidade e da Educação em Administração, a partir da realização de um estudo fenomenográfico, analisar as concepções de sustentabilidade dos estudantes do curso de Administração da UFPB ao longo da sua formação. O foco em estudantes de Administração levou em consideração o importante

papel que as organizações desempenham, por meio de suas atividades, de um lado, na construção das noções de sustentabilidade, e de outro, como causadoras de vários dos problemas relacionados à temática. Foram mapeadas as concepções e analisadas a variação destas junto aos alunos do curso em tela, a saber: (1) zona ou área vermelha; (2) zona ou área laranja; (3) zona ou área amarela; (4) zona ou área verde; e (5) ou área zona azul.

A **área de Risco, ou Zona Vermelha**, é representada por aquelas concepções de sustentabilidade de nível mais raso, onde os alunos não creditam a devida importância que o tema possui, ou mesmo não o compreendem, relatando a inexistência de algum contato com a sustentabilidade em suas trajetórias estudantis antes da graduação, bem como o fato de não observarem nenhuma ação de sustentabilidade na universidade, apresentaram a mais rasa das concepções. A **área de Transição ou Zona Laranja**, é representada, assim como a cor secundária, pela combinação das características da zona vermelha (risco) e a zona amarela (alerta). Os sujeitos situados nesta região apresentam um certo avanço no que tange a elaboração de suas concepções de sustentabilidade, em comparação aos da zona vermelha, contudo, ainda se encontram num nível superficial de conhecimento e envolvimento com o tema, relatando dificuldades de relacionar a abordagem do tema com o processo de formação do administrador, acreditando ser mais pertinente a outras áreas ligadas a natureza, não possuindo também a iniciativa de compartilhar informações acerca do tema, nem mesmo com as pessoas mais próximas de seu cotidiano, limitando-se a poucas ações individuais. A **Zona de Alerta (Amarela)** simboliza o grupo de sujeitos que exercem ações sustentáveis numa dimensão moderada, mais individual, onde há uma estreita preocupação com a disseminação de práticas sustentáveis, de modo que nesta fase ainda se requer cautela para que não haja uma regressão em relação à concepção desses indivíduos sobre a sustentabilidade. A **Zona de Transição (Verde)** configura-se pela composição de alunos cujas concepções refletiram um considerável avanço em relação às áreas anteriores, sendo acompanhadas da realização de ações voluntárias voltadas a sustentabilidade, onde estes conferem ao tema da sustentabilidade grande importância diante do campo de atuação profissional do administrador, englobando questões de âmbito social, econômico e ambiental. A **Zona Aberta (Azul)** é representada pelo nível mais profundo das concepções analisadas, logo, é denominada de área ou região aberta, pois o sujeito se encontra sem barreiras, disposto e aberto para a atuação em prol da sustentabilidade no âmbito coletivo. Observando-se a variação dessas concepções ano a ano, não foi possível identificar um aprofundamento que indicasse ser resultado do processo de formação desses estudantes. Além disso, o resultado desta pesquisa mostra que há diferentes entendimentos de sustentabilidade entre estudantes do curso de Administração da UFPB. Destaque-se que os relatos apresentados pelos estudantes contemplaram algumas das dimensões da sustentabilidade propostas por Elkington (1997), envolvendo as três dimensões de seu tripé da sustentabilidade, a saber: social, econômico e ambiental.

Esta pesquisa traz limitações inerentes à aplicação da Fenomenografia, que, como qualquer outra metodologia, possui limitações. Ainda como limitação, pode-se considerar o fato da pesquisadora ser iniciante no campo da pesquisa, questionando-se em muitos momentos se estava no caminho certo.

Os resultados dessa pesquisa contribuem para a elucidação do quanto se está avançando na abordagem da Educação para Sustentabilidade na Universidade Federal da Paraíba, refletindo a necessidade de se evoluir nos estudos da temática e na forma interdisciplinar através da qual sua integração ao ensino em Administração demanda para que se possa formar administradores preparados para os novos desafios solicitados pelo mercado de trabalho, atuando de forma sustentável e contribuindo para construção de um mundo melhor.

Referências

ALBUQUERQUE, H. M. C. **As Manchas de Mata Atlântica no Território da UFPB-João Pessoa: ocorrências sócio-ambientais**. 51 f. 2002. Monografia (Graduação em Geociências) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2002.

ALCADIPANI, R.; BERTERO, C.O. **Guerra fria e ensino do management no Brasil: o caso da FGV-EAESP**. *Revista de Administração de Empresas*, v. 52, n. 3, p. 284-299, 2012.

AMARO, R. A.; BRUNSTEIN, J. As contribuições da fenomenografia para os estudos da competência profissional. **Revista Alcance**, v. 21, n. 4, p. 585-611, out./dez. 2014. Disponível em: < http://siaiap32.univali.br/seer/index.php/ra/article/view/4916/pdf_40>. Acesso em: 20 maio 2018.

BÉCHARD, J. P. **L'intégration au curriculum: vingt ans de recherche**. Montréal: HEC, 2009.

BARONI, M. Ambiguidades e deficiências do conceito de desenvolvimento sustentável. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v.18, n.2, p.14-24, abr./jun. 1992. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rae/v32n2/a03v32n2.pdf>>. Acesso em: 15 julho. 2018.

BOWDEN, J. A. Reflections on the phenomenographic team research process. In: BOWEN, J.; GREEN, P. (Eds.). **Doing Developmental Phenomenography**. Melbourne: RMIT University Press, 2005.

BRUNSTEIN, J.; GODOY, A. S.; SILVA, H. C. (Org.). **Educação para sustentabilidade nas escolas de administração**. São Carlos: RiMa Editora, 2014.

CARVALHO, S. L. G.; BRUNSTEIN, J.; GODOY, A. S. Um panorama das discussões sobre educação para a sustentabilidade no ensino superior e nos cursos de Administração. In: BRUNSTEIN, J.; GODOY, A. S.; SILVA, H. C. (Org.). **Educação para sustentabilidade nas escolas de administração**. São Carlos: RiMa Editora, 2014. cap. 5.

DEUSTSCH, N; BERÉNYI, L. Personal approach to sustainability of future decision makers: a Hungarian case. **Springer Science+Business Media Dordrecht**, 2016.

DIAS, R. **Sustentabilidade: origem e fundamentos; educação e governança global; modelo de desenvolvimento**. São Paulo: Atlas, 2015.

ELKINGTON, J. **Cannibals with forks: the triple botton line of 21st century business**. Oxford: Capstone, 1997.

FARIAS, L. C. **Educação para sustentabilidade em administração: uma análise das concepções de estudantes da UFPB**. 2016. 89 f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa. 2016.

FERNANDES, M. A. M. Introdução à fenomenografia: potencialidades de aplicação à investigação em saúde e enfermagem. **Revista investigação em enfermagem**, n. 12, p. 3-10, 2005.

FISCHER, T. **O ensino de administração pública no Brasil, os ideais de desenvolvimento e as dimensões da racionalidade**. 1984. Tese de Doutorado em Administração. Universidade de São Paulo, USP, São Paulo, 1984.

GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, mar./abr. 1995. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/rae/article/download/38183/36927>>. Acesso em: 03 jun. 2018.

GHOSHAL, S. Bad management theories are destroying good management practices. **Academy of Management Learning and Education**, v. 4, n. 1, p. 75-91, 2005.

GRISWOLD, W. Creating sustainable societies: developing emerging professionals through transforming current mindsets. **Studies in Continuing Education**, v. 39, 2017.

HUCKLE, J; STERLING, S. (Ed.) **Education for Sustainability**. Sterling, VA: Earthscan, 2014.

JACOBI, P. R. Educação ambiental: o desafio da construção de um pensamento crítico, complexo e reflexivo. **Revista Educação e Pesquisa FE-USP**, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 302-313, maio/ago. 2005.

JACOBI, P. R.; BEDUSCHI FILHO, L. C. Gestão ambiental e o ensino de Administração. In: BRUNSTEIN, J.; GODOY, A. S.; SILVA, H. C. (Org.). **Educação para sustentabilidade nas escolas de administração**. São Carlos: RiMa Editora, 2014. cap. 6.

JACOBI, P. R.; RAUFFLET, E.; ARRUDA, M. P. A educação para a sustentabilidade nos cursos de Administração: reflexão sobre paradigmas e práticas. **Revista de Administração Mackenzie**, v. 12, n. 3, p. 21-50, 2011.

LANKOSKI, L. Alternative conceptions of sustainability in a business contexto. **J. Clean. Prod.**, v. 139, p. 847-857, 2016.

LEAL FILHO, W et al. The role of transformation in learning and education for sustainability. **J. Clean. Prod.**, v.199, p. 286-295, 2018.

LINS, Rômulo Augusto. **Vínculos da Educação para sustentabilidade e da educação para a Administração na Universidade Federal da Paraíba: um estudo do curso de Administração**. Orientador: Prof. Dr. Ana Lúcia de Araújo Lima Coelho. João Pessoa: UFPB/DA, 2017. 72 p. Relatório de Pesquisa. (Bacharelado em Administração).

LOPES, A. L. S. V. **Autonomia no trabalho na perspectiva de um grupo de profissionais especializados: um estudo fenomenográfico**. 260 f. 2012. Tese (Doutorado)–Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto COPPEAD de Administração, Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <http://www.coppead.ufrj.br/upload/publicacoes/Tese_Ana_Luiza_Lopes.pdf>. Acesso em: 12 mai. 2018.

LOPES, U. M.; TENÓRIO, R. M. **Gestão da sustentabilidade de organizações não governamentais**. Luanda: ADRA, 2006.

LOPES, U. M.; TENÓRIO, R. M. **Educação como fundamento da sustentabilidade.**

Salvador: EDUFBA, 2011. 170 p. Disponível em:

<<https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/5373/1/Educacao%20como%20fundamento%20da%20sustentabilidade.pdf>>. Acesso em: 17 ago. 2018.

LUCENA, M. F.A. **Concepções de sustentabilidade de estudantes de ciências contábeis**

da UFPB. Orientadora: Prof. Dr. Ana Lúcia de Araújo Lima Coelho. João Pessoa: UFPB/DA, 2018. Relatório de Pesquisa PIBIC. (Bacharelado em Administração). – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa. 2018.

MACEDO, C. V. P.; FREITAS, A. A. F.; GUERRA, D. S. Abordagem socioambiental nos cursos de Administração de Empresas: uma escala para mensurar a importância percebida pelos docentes. In: BRUNSTEIN, J.; GODOY, A. S.; SILVA, H. C. (Org.). **Educação para sustentabilidade nas escolas de administração.** São Carlos: RiMa Editora, 2014. cap. 8

MARTON, F. Phenomenography - describing conceptions of the world around us.

Instructional Science, v. 10, n. 2, p. 177-200, 1981.

MARTON, F.; BOOTH, S. **Learning and Awareness.** New Jersey, Lawrence Erlbaum Associates, 1997.

MELO NETO, F. P.; BRENNAND, J. M. **Empresas socialmente sustentáveis: o novo desafio da gestão moderna.** Rio de Janeiro: Qualitymark, 2004.

MELLO, S.L.; MELO JUNIOR, J.S.M.; MATTAR, F.N. Perfil, formação, atuação e oportunidades de trabalho do administrador: pesquisa nacional. 5. Ed. Brasília: CFA, 2011. p.52.

MERRIAM, S. B. **Qualitative research and case study applications in education.** San Francisco: Jossey-Bass Inc. Publishers, 1998.

MOCHIZUKI, Y; FADEEVA, Z. Competências para o desenvolvimento sustentável e sustentabilidade importância e desafios para a EDS. **Revista INTERFACEHS**, v.6, n.1, abr. 2011.

OLIVEIRA, F.B.; SAUERBRONN, F.F. (2007) **Trajetória, desafios e tendências no ensino superior de administração e administração pública no Brasil: uma breve contribuição.** Revista de Administração Pública – RAP, Edição Especial Comemorativa:149-170.

RAUFFLET, E. Formas de integração da sustentabilidade ao ensino de Administração. In: BRUNSTEIN, Janete; GODOY, Arilda Schmidt; SILVA, Helio Cesar. **Educação para Sustentabilidade nas Escolas de Administração.** São Carlos: Rima, 2014. Cap. 2.p. 16-27.

REID, A.; PETOCZ, P.; TAYLOR, P. Business Students' Conceptions of Sustainability. **International Journal for the Scholarship of Teaching and Learning**, 2011, v. 5, n. 1, p. 1-15. Disponível em:

<<http://digitalcommons.georgiasouthern.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1265&context=ij-sotl>>. Acesso em: 24 maio 2018.

RESOLUÇÃO nº 57/2007. Projeto Político Pedagógico do Curso de Graduação em Administração, do Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Campus I, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Serviço Público Federal. Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão. 2007.

RESOLUÇÃO nº 64/2011. Projeto Político Pedagógico do Curso de Graduação em Administração, do Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Campus I, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Serviço Público Federal. Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão. 2011.

RIBEIRO, J. U. **Política e administração**. Organização & Sociedade, v. 13, n. 37, p. 164-193, 2006.

SANTOS, H. C. C. **Aquarela Sustentável: uma análise fenomenográfica sobre sustentabilidade, com uso de materiais visuais, numa organização escolar paraibana**. 2017. 89f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa. 2017.

SARTORI, S.; LATRÔNICO, F.; CAMPOS, L. M. S. Sustentabilidade e desenvolvimento sustentável: uma taxonomia no campo da literatura. **Ambiente & Sociedade**, v. 17, n. 1, p. 1-22, 2014.

SILVA, S. S.; REIS, R. P.; AMÂNCIO, R. Conceitos atribuídos à sustentabilidade em organizações de diferentes setores. **Revista de Ciências da Administração**, v. 16, n. 40, p. 90-103, 2014.

SILVA, A. B. Reflexões teórico-práticas de um Sistema de Aprendizagem-em-ação para a Educação em Administração. In: ENANPAD, 38., 2014, **Anais...** Rio de Janeiro, set. 2014. Disponível em: <<http://www.anpad.org.br/admin/pdf/TC%20EPQ1778.pdf>>. Acesso em: 22 Mai. 2018.

SILVA, A. W. P. **Crianças de hoje, gestoras do amanhã: uma análise das concepções de sustentabilidade de estudantes do ensino fundamental I, e das práticas de EpS de uma escola paraibana**. 2018. 89f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa. 2018.

SPRINGETT, D. Luta ideológica: o desenvolvimento sustentável no currículo de Administração. In: BRUNSTEIN, J.; GODOY, A. S.; SILVA, H. C. (Org.). **Educação para sustentabilidade nas escolas de administração**. São Carlos: RiMa Editora, 2014. Cap. 1.

TILBURY, D. (2004). **Education for sustainable development: redefining partnerships for a new decade**. Paper presented to the 2004 New Zealand Association for Environmental Education conference, Christchurch College of Education, 14-17th January. Christchurch.

UFPB. **Plano de Desenvolvimento institucional 2014-2018**. João Pessoa: UFPB, 2014. Disponível em: <https://www.ufpb.br/sites/default/files/pdfs/PDI%20UFPB%202014-2018_Final3%20-27.05.pdf>. Acesso em: 04 ago. 2018.

WARNER, J.; BOAS, I. **Securitização das mudanças climáticas: o risco do exagero**. *Ambient. soc.* [online]. 2017, vol.20, n.3, pp.203-224. ISSN 1414-753X. <http://www.scielo.br/pdf/asoc/v20n3/pt_1809-4422-asoc-20-03-00203.pdf>

APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA - ALUNOS DO CURSO DE ADMINISTRAÇÃO

Roteiro de entrevista*

Introdução:

Explicar o motivo da pesquisa e a temática (sustentabilidade), e sobre a necessidade de gravação da entrevista e confidencialidade dos dados. Enfatizar que todas as respostas são válidas, não existindo certas ou erradas.

Pergunta Introdutória:

- 1) Para iniciar e contextualizar a conversa, você(s) poderia(m) falar sobre a(s) sua(s) experiências relacionadas a sustentabilidade, na(s) sua(s) trajetória(s) estudantil(is) antes da graduação?

Perguntas Intermediárias:

- 2) Como você(s) enxerga(m) a abordagem do tema sustentabilidade no curso de Administração?
- 3) Você(s) acha(m) que atende as expectativas e as necessidades dos alunos em aprenderem sobre o tema?
- 4) Durante a trajetória no curso de Administração você(s) já vivenciou(aram) alguma experiência relacionada a sustentabilidade?
- 5) Quais disciplinas você(s) recorda(m) que abordou(aram) o tema da sustentabilidade pelo menos em algum momento?
- 6) Em relação ao(s) seu(s) futuro(s) profissional(ais), que papel você(s) atribui a sustentabilidade?
- 7) Na opinião de você(s), o que significa administrar de forma sustentável?
- 8) Você(s) já mudou(aram) algum hábito em relação ao meio ambiente por causa de alguma informação ou conhecimento passado pelo curso de Administração? Se sim, qual(is)?
- 9) De qual(is) forma(s) você(s) acredita(m) que a sustentabilidade poderia ser incorporada no processo de formação do administrador?

Perguntas de acompanhamento:

- a. Qual foi o seu objetivo em fazer isso?
- b. Qual foi o significado (disso) para você?
- c. O que (isso) representou?
- d. Por que você considera (isso) um sinal de sustentabilidade?
- e. Como você lidou com a situação?
- f. Por que você quis fazer (isso)?
- g. Por que você acha que esta pessoa agiu desta forma?

Perguntas finais:

- 10) O que você(s) faz com as informações e conhecimentos adquiridos, através do curso de Administração sobre sustentabilidade? Você(s) repassa para outras pessoas, como amigos, familiares e colegas de trabalho?
- 11) De forma resumida, gostaria que você(s) definisse(m) sustentabilidade, após refletir(em) ao que foi respondido.

*Roteiro adaptado a partir de FARIAS, L. C. **Educação para Sustentabilidade em Administração**: uma análise das concepções de estudantes da UFPB. 2016. Dissertação (Mestrado em Administração) - Universidade Federal da Paraíba, 2016.

APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**Título – CONCEPÇÕES DE SUSTENTABILIDADE DE ALUNOS DO CURSO DE ADMINISTRAÇÃO NUMA INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR PÚBLICA**

Esta pesquisa é um trabalho de conclusão de curso, da aluna Andréa Roberta da Silva Ferreira, do curso de Administração da Universidade Federal da Paraíba, a qual a Prof.^a Dr.^a Ana Lúcia de Araújo Lima Coelho, lotada no Departamento de Administração, CCSA/UFPB, orienta.

Gostaríamos de contar com sua colaboração, na qual consiste na participação de uma entrevista sobre os variados entendimentos que os estudantes possuem acerca da sustentabilidade. Há a estimativa que o tempo máximo de duração da entrevista seja de 30 minutos. A sua identidade será mantida em sigilo e todas as informações prestadas serão utilizadas exclusivamente para os objetivos desta pesquisa. A sua participação permitirá uma melhor compreensão da sustentabilidade em seu processo de formação e não lhe causará nenhum prejuízo.

Sua participação é voluntária e caso queira, poderá interromper ou desistir da sua participação em qualquer instante ou deixar de responder qualquer questão que lhe forem feitas.

Em caso de dúvidas ou esclarecimentos, o contato telefônico ou por email irá saná-los.

Se você concorda em participar, nós agradecemos muito a sua colaboração e gostaríamos que você colocasse a sua assinatura a seguir, indicando que está devidamente informado(a) sobre os fins da pesquisa e o uso de seus resultados.

Andréa Roberta da Silva Ferreira - Entrevistadora

Entrevistado(a)

João Pessoa, ____ de _____ de 2018.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA

Centro de Ciências Sociais Aplicadas

Departamento de Administração

Campus Universitário - João Pessoa – PB - CEP: 58.059-900

Aluna: Andréa Roberta da Silva Ferreira -Matrícula:11326431-Telefone:(83)98604-0488

E-mail: andrearobertaadm@gmail.com

APÊNDICE C - Questionário

1. Idade: _____

2. Gênero:

() Feminino

() Masculino

3. Em que ano você ingressou no curso de administração da UFPB? _____

4. Atualmente você está cursando disciplinas em qual(is) período(s)?

() 1º

() 2º

() 3º

() 4º

() 5º

() 6º

() 7º

() 8º/9º

5. Esta é sua primeira Graduação?

() Sim

() Não

Se não:

a) Qual(is) outra(s) graduação(ões) você cursou? _____

b) Você chegou a concluir o curso? () Sim () Não

6. Você tem experiência profissional (ou de estágio)?

() Sim

() Não

Se sim, em que área? () Serviço () Comércio () Indústria () Outra

7. Você já participou de alguma entrevista relacionada a pesquisa acadêmica anteriormente?

() Sim

() Não

Se sim, de que tipo? () Individual () Em grupo